
*Nas cercanias da memória: temporalidade,
experiência e narração*

TEDESCO, João Carlos.
Passo Fundo: Ed, UPF; Caxias do Sul: EDUCS, 2004. 327 p.

*Heloísa Pedrosa de Moraes Feltes**

A leitura da obra **Nas cercanias da memória: temporalidade, experiência e narração** é extremamente oportuna para estudiosos de diferentes áreas: Ciências Sociais, Antropologia, História, Linguística, Literatura, para citar algumas. Apresentá-la, portanto, na tentativa de contemplar todas as suas possibilidades de leitura, em diferentes áreas de conhecimento é tarefa impossível. Portanto, o que se busca aqui é apenas a construção de um retrato possível tendo em vista os limites de (minha) formação. A estratégia é recortar desse universo de reflexões um caminho de leitura ilustrado por citações cuja escolha tem, sem dúvida, um viés pessoal e que, talvez, o autor discordasse serem elas as mais representativas de sua própria reflexão. Entretanto, fiz questão de não desprezar o gosto que tive por essas passagens que julguei apropriadas.

O autor, João Carlos Tedesco, é professor na área de Ciências Sociais e História, doutor em Ciências Sociais e Pós-Doutor pela Universidade de Verona. Sua obra é apresentada por Astor Antônio Diehl, o qual afirma: “O tempo da fascinação sobre a memória pode possibilitar a problematização do passado pelo presente com base em dois vetores principais: primeiro, o sentido de reconstruirmos idéias de futuro no passado e, segundo, compreendê-las como estrutura narrativa de argumentos para uma cultura da mudança” (p.17). Essa breve passagem é uma síntese do que entendemos seja a relevância do tema discutido na obra de Tedesco.

A obra divide-se em três partes, quais sejam: As cercanias da memória: conceitos noções e campos afins, composta de nove capítulos; Tempos,

* Professora no Curso de Mestrado em Letras e Cultura Regional da Universidade de Caxias do Sul; e-mail: helocogn@terra.com.br

espaços e signos: a correlação entre memória coletiva e individual no processo de lembrança, composta por cinco capítulos; e Ressignificação da memória, esta composta por três capítulos.

Para se entender a organicidade dessa obra, parte-se de uma referência à terceira parte, pois as duas primeiras consistem numa reflexão teórico-metodológica sobre a questão da memória, numa perspectiva socioistórica e antropológica à luz das quais serão analisados os dados obtidos em uma pesquisa de campo. A terceira parte, portanto, é o resultado de uma pesquisa de campo realizada pelo autor no meio rural, na tentativa de investigar memórias de família, genealógicas e de vínculos comunitários e religiosos através de relatos orais de idosos, nos municípios de Veranópolis, Nova Prata e Guaporé, região de colonização italiana do Rio Grande do Sul. O objetivo é a análise da “relação entre colonos, carreteiros e comerciantes do final do século XIX até a década de 1950”. (p. 20). Além disso foram analisados depoimentos orais de 18 famílias de colonos que viviam com idosos em habitações no meio rural e, ainda, depoimentos de 12 famílias que também coabitavam com idosos que migraram do meio rural para o meio urbano. Como afirma o autor, a análise socioistórica e cultural desenvolvida tenta contribuir “para a compreensão dos imaginários e representações que se constituem através da presença e da ausência de idosos em espaços diferenciados, em famílias de descendentes de imigrantes italianos na dimensão das particularidades e totalidades, dos liames das histórias particulares na problemática coletiva (étnico-cultural espacial)”. (p. 22). Tedesco afirma que o enquadramento da memória, o fazer referência ao passado, define fronteiras grupais, processo, conforme Halbwachs, de coesão grupal das lembranças coletivas, as quais se baseiam numa seleção de memórias, e que sustentam o caráter que tem a lembrança de construir identidade.

Assim sendo, voltemo-nos para as concepções teórico-metodológicas que guiaram a obra de Tedesco. Nas Partes I e II, o autor faz uma ampla revisão da literatura sobre a memória e sobre temas conexos como: tempo-espaço, lembrança, esquecimento, oralidade, tradição, transmissão, subjetividade, experiência, interpretação, coletividade, identidade, poder, os quais sustentam os grandes eixos temáticos da obra: memória subjetiva, memória coletiva e memória patrimonial na modernidade e na pós-modernidade. Como ele mesmo afirma: “A esfera da memória e dos depoimentos orais, genealógicos e biográficos está contribuindo [...] para o campo de análise histórica, ligando temporalidades, fazendo-as se entrecruzar, bem como resgatando atores sociais silenciados, dimensões do real muito

pouco visíveis” (p. 30); ou, ainda, com referência ao pensamento de Nora, que a “memória coletiva, por meio da narração, reafirma sua força de transmissão, pois para continuar a recordar, é necessário que cada geração transmita o fato passado para que possa se inserir nova vida em uma tradição comum”. (p. 36). Na verdade, Tedesco busca reforçar que os estudos do cotidiano, mais abundantes na década de 90, renovam temática e metodologicamente as ciências sociais. O cotidiano, afirma, “constitui-se de sistemas simbólicos, de técnicas, regras de comportamento, papéis, representações sociais, linguagens diversas, que normatizam formas de agir, de se entender como moderno, de interagir com o tempo e nos espaços variados em que cotidianamente nos inserimos, de, no limite, sermos sociáveis”. (p. 56).

São vários os autores citados nessa revisão sobre a questão da memória: Jedlowski, LeGoff Passerini, Halbwachs (a cujo pensamento dedica várias seções da Parte II, pois, como afirma este foi um dos primeiros autores, após a década de 20, a relacionar memória, identidade e cultura), Portelli, Lazzarin, Thomson, Namer, Áries e Nora, por exemplo, amparados por autores como Todorov, Benjamin, Bourdieu, De Certeau, Ferrarotti, Maffesoli, Heller e outros. Em alguns momentos somos seduzidos por essas reflexões e são várias as oportunidades para uma reflexão pessoal em nosso próprio campo de interesses. Ou seja, a própria revisão do autor já é uma contribuição no sentido de conectar essas fontes várias de pensamento, fornecendo-nos um cenário rico de problematizações.

Tedesco posiciona-se sobre a memória, em meio a esse cenário, quando afirma que esta “pode ser entendida como estrutura de interiorização e exteriorização de fatos, circunstâncias e vividos organizados, espacial e temporalmente, para transmitir ao externo a representação pessoal e/ou coletiva da própria história ou da de outrem”. (p. 38). Ou ainda: “Toda memória é, por definição, ‘coletiva’”. (p.137).

O ponto central de interesse de Tedesco é a relação entre memória e oralidade, tendo em vista as pesquisas de campo desenvolvidas, objeto da Parte III da obra. O autor afirma que a história oral (ou fonte oral) oportuniza a reconstrução de “aspectos de personalidades individuais inscritas na existência coletiva”, ressaltando ser a memória um fato individual “moldurado, pressionado, influenciado pelas condições do meio”. (110). E, por isso, afirma que a fonte oral é inacabada e parcial, exigindo o confronto com o outro, diálogo e o que chama, muito apropriadamente, de “entrevistas”.

Particularmente, dados os (meus) próprios embates epistemometodológicos enquanto pesquisadora, apreciou-se uma citação de Bermari na introdução da seção *Os pressupostos da narração*: “A minha presença, as minhas perguntas, podem fazer ver de um outro ponto de vista” (p. 115). Com relação à fonte oral, essa seria uma fonte potencial até que seja acionada pelo entrevistador, numa relação que se define pela forma de questionamento, diálogo, assim como por pré-conceitos tanto de entrevistado como entrevistador e daquilo que ambos consideram como sendo relevante. Ao tratar da narração, Tedesco cita LeGoff, que deixa claro que a narrativa “não é um mero recordar, é um horizonte do refazer, da invenção, do autoconvencimento”, portanto experiência. Mais adiante diz que, na narrativa, a memória se faz ação contextualizada, um sujeito que “busca, escolhe estratégias adequadas, escolhe fatos, situações e raciocina sobre o melhor tempo adequado para a lembrança, o tempo mais significativo e mais carregado de subjetividade” (p. 117). Assim, o estudo da memória pela história oral, alerta Tedesco, requer cuidados que envolvem: conhecimento prévio dos conteúdos sob foco, domínio de técnicas para a obtenção de dados, criação de arquivos, conservação do material colhido.

Associado à memória ou à seleção da memória, está o esquecimento. Tedesco diz: “A consciência histórica reconstrói-se sob um fundo de esquecimento.” (p. 124). Tanto a recordação como o esquecimento, afirma, correlacionam-se com o poder como estratégia política e cultural. O autor é contundente: “Os agentes do esquecimento, os conspiradores do silêncio, os destruidores de memória, os fabricantes da tradição temem, expressam e tentam anular a possibilidade subversiva da memória” (p. 126). A questão do esquecimento está dispersa em várias seções da obra, sempre associada a algum aspecto especial: seleção social, poder, afetividade/sofrimento.

A escolha de Tedesco por um espaço maior às idéias de Halbwachs pode ser justificada do ponto de vista metodológico, haja vista o objeto de estudo da pesquisa de campo empreendida por Tedesco. Seguindo Halbwachs, o autor afirma que é “no seio do grupo familiar que poderá preponderar certa complementaridade entre a lembrança coletiva e a individual”. (p. 174). É desse modo, afirma, que a memória familiar garante uma memória de identidade, pois a família tem um poder unificador, não sendo apenas a memória de um grupo particular, “mas de regras incorporadas de formas de vida, de parentesco, de princípios organizadores, de hábitos de concretude”. (p. 209).

Focando sua atenção da memória de idosos, Tedesco não poderia deixar de relacionar memória e afetividade. Presente em toda memória, a afetividade

revela-se diferenciada nos idosos: “Em geral, os idosos entrevistados expressam afetividade romântica em termos de memória de objetos; fazem correlações temporais com ambientes, tempos vividos alterados de bom para pior e vice-versa.” (p. 182). Desse modo, conclui, o passado cultural é fundamental, porque define espaços, auto-estima, reafirmação social regional ou local, reencontrando-se valores afetos a atitudes, projetos e padrões de vida, traumas culturais. Segundo Tedesco, a fonte de memória dos idosos entrevistados é o espaço onde viveram, na “colônia-velha”. E estes, quando necessitados de auxílio externo para dimensionar a recordação também faziam uso de fotos, como “um instrumento de conhecimento e de conservação da memória [...], de registro”. (p. 204). Para o autor essa “reconstrução do passado necessita de suportes, de testemunhos e associações externas”. (p. 203). Por isso esses idosos querem “mostrar” coisas que marcam sua presença na história, não querem que seus rastros se apaguem, como afirma o autor.

É essa presença na história que Tedesco registra e discute na Parte III da obra. São os idosos, afirma, que estão encarregados, de modo tácito, de guardar as lembranças do grupo, de transmitir e conservar objetos materiais importantes, por exemplo. E, por assumirem responsabilidades educativas informais junto aos netos, talvez auxiliem no processo de transmissão da memória. Os idosos, ressalta o autor, querem ser os guardiães da memória e os mediadores da tradição, sentindo a obrigação de lembrar. E, como verificou Tedesco, eles repetem a mesma história, não apenas pela oralidade, mas através de mediações objetais; eles falam através do corpo, do silêncio e da voz.

Na seção *O cenário empírico: fonte e base de memória de idosos*, Tedesco discute a relação desses idosos com o trabalho com a terra na colônia: derrubada da mata, construção da casa, rotação de culturas para a reconstituição da fertilidade do solo, etc. Como afirma o autor: “A memória da terra, correlacionada sempre com a produção e com o trabalho, na ótica do sacrifício, não descuida da presença e da centralidade da família.” (p. 237). A ordem social do colono situava-se na ligação entre propriedade, família e trabalho, este como obrigação, dever moral, virtude, acesso à riqueza, e que ligado à propriedade “formaria o espaço social e a trajetória seqüencial das estratégias de reprodução familiar e organização da individualidade do colono”. (p. 243).

O último capítulo da Parte III retoma vários dos achados na pesquisa de campo que então se configura como qualitativa, conjugando-os à reflexão teórica, destacando o autor que a memória é “expressão *localizada*

temporalmente” do cotidiano do idoso que se define como “um complexo inter-relacional de temporalidades e de significados em conflito”. (p. 281). A reivindicação é a da “presença na ausência ausente ou da ausência da presença; o que está em jogo é sempre a consciência do poder da morte, ou para não ser mais lembrado, ou para reconhecer sua vida e lhe permitir rastros de existência”. (p. 284-5). A lembrança é a do cotidiano, das rotinas diárias e de seus desafios: a casa, a roça, a família, o trabalho e a comunidade, todos eles cenários de conotação coletiva. Para aqueles que migraram para os espaços urbanos, observa Tedesco, a cidade significa violência e movimento contínuo, custo elevado de vida, lugares desconhecidos, ressocialização no trabalho, na família e na sociedade, novos hábitos alimentares, de higiene e do próprio falar. A cidade passa a representar o horizonte espacial dos ganhos – novas aprendizagens e novas relações e adaptações – e das perdas – a do tempo e espaços tradicionais, dos vínculos comunitários.

Como afirma Tedesco, nas *Considerações finais*, “a narração de memória dos idosos contribui, em muito, para o enriquecimento da percepção e dos caminhos do *destino* da sociedade.

A leitura dessa obra suscitou muitas paradas reflexivas, sobretudo com relação às conexões vislumbradas com os estudos em Análise do Discurso, com autores como Michel Pêcheux, ou Pierre Achard (1999), o qual afirma que “a memória suposta pelo discurso é sempre reconstruída na enunciação” (p. 17), ou que, situando-se a memória não ao lado da repetição, mas da “regularização, então ela se situaria em uma oscilação entre o histórico e o lingüístico, na sua suspensão em vista de um jogo de força de fechamento que o ator social ou o analista vem exercer sobre discursos em circulação”. (p. 16). Partindo da reflexão de Tedesco nesta obra, e, quem sabe, revisitando e abordando seus dados de pesquisa à luz da Análise do Discurso, poder-se-ia encontrar um campo fértil de novas reflexões, num trabalho transdisciplinar entre Ciências Sociais, História e Lingüística. Um dos méritos da obra de Tedesco é justamente este: nos seduzir a pensar junto e nos provocar a ir além.

Referência

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: ACHRAD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999. p. 11-19.